

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM VIGILÂNCIA EM SAÚDE

Jaqueline Sérgio da Costa

TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL:
retrato segundo a televisão

Rio de Janeiro

2011

Jaqueline Sérgio da Costa

TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL:
retrato segundo a televisão

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio
como requisito parcial para aprovação no curso
técnico de nível médio em saúde com habilitação
em Vigilância em Saúde.

Orientadora: Maria Cecília Carvalho

Rio de Janeiro

2011

Jaqueline Sérgio da Costa

TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL:
retrato segundo a televisão

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio
como requisito parcial para aprovação no curso
técnico de nível médio em saúde com habilitação
em Vigilância em Saúde.

Aprovado em : ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

(Maria Cecília Carvalho – Laborat/EPSJV)

(Felipe Machado – Laborat/EPSJV)

(Gracia Maria Gondim – Lavis/EPJSJ)

RESUMO

Aborda os possíveis efeitos causados nos telespectadores pela freqüente assimilação de conceitos aprendidos em seriados televisivos violentos, entendendo como efeitos não só os possíveis atos de violência gerados pela constante visualização de atos violentos na televisão, mas também a assimilação de diagnósticos estabelecidos pela mídia, sem nenhum conhecimento médico, difundidos para os telespectadores com sensacionalismo e gerando falsos conceitos. Apresenta o diagnóstico do transtorno de personalidade antissocial segundo o CID-10 e o DSM-IV e a evolução histórica do termo “psicopata” para “transtorno de personalidade antissocial”. Também é feito um breve resumo da história e influência atual dos seriados na televisão, com foque nos seriados policiais, tomando como exemplo a série Criminal Minds. Trata-se de um estudo teórico que tem como proposta uma avaliação da influência desses seriados violentos com exposição de diagnóstico psiquiátrico para justificar o crime do agressor, como é feito em Criminal Minds, diferenciado do diagnóstico psiquiátrico considerado pelo meio acadêmico, sendo a relação entre esse diagnóstico e a série referida o objeto da pesquisa. Para que seja feita essa identificação de sensacionalismo e falsificação da realidade, serão explorados dois episódios da série Criminal Minds. Ao fazer essa avaliação, poder-se-á identificar onde está o exagero e ter uma idéia real e clara do que se trata realmente o transtorno. Esse estudo tem como objetivos específicos apresentar e caracterizar o diagnóstico de transtorno de personalidade antissocial, identificar a forma como a televisão retrata os portadores desse transtorno e avaliar os possíveis efeitos desses programas nos telespectadores, não só os possíveis efeitos de violência, mas como os telespectadores entendem o diagnóstico e as situações abordadas.

Palavras-Chave: Transtorno de Personalidade Antissocial. Seriados Televisivos. Criminal Minds.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL.....	9
3 SERIADOS TELEVISIVOS.....	14
4 EPISÓDIO “TO HELL AND BACK” DA SÉRIE CRIMINAL MINDS.....	20
5 EPISÓDIO “RISKY BUSSINES” DA SÉRIE CRIMINAL MINDS.....	29
6. CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Carl Gustav Jung (1961) apud Ballone (2008), psiquiatra suíço e fundador da psicologia analítica, formulou uma das teorias que mais influenciaram as teorias contemporâneas sobre personalidade. Jung postulou que os indivíduos eram caracterizados pelas suas atitudes extrovertidas e introvertidas, que eram de origem biológica e refletiam a direção em que a energia psíquica era expressa. As atitudes extrovertidas eram governadas por expectativas e necessidades sociais, enquanto as atitudes introvertidas eram dirigidas para os estados subjetivos e processos psíquicos.

Hoje se entende que personalidade diz respeito a história pessoal de cada indivíduo, levando-se em consideração os dados biopsicológicos herdados, o meio social em que o indivíduo se desenvolve, os dados adquiridos na interação hereditariedade-meio, as características e as condições de funcionamento desse indivíduo na sua interação. Assim, a personalidade resulta de experiências passadas e de estímulos atuais do meio, sendo o comportamento final de alguém resultado de todos os seus traços de personalidade.

Por sua vez, os transtornos de personalidade compreendem diversos tipos de comportamento, geralmente estáveis, que tendem a persistir e se tornam características do modo como o indivíduo estabelece relações consigo próprio e com outros, seu comportamento social e como ele expressa suas emoções. Caracterizam uma forma de viver mal adaptada, inflexível e prejudicial para si e para os que o cercam, frequentemente associados ao sofrimento subjetivo e ao comprometimento do desempenho social. Não são propriamente doenças, mas anomalias do desenvolvimento psíquico, podendo ser considerado como perturbação da saúde mental.

Por convenção, o diagnóstico só é dado a adultos ou no final da adolescência. O CID-10, lista da Classificação Internacional de Doenças publicada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que visa a codificação e padronização de doenças, cataloga o transtorno de personalidade no capítulo F.60 e o caracteriza se tratando de:

distúrbios graves da constituição caracterológica e das tendências comportamentais do indivíduo, não diretamente imputáveis a uma doença, lesão ou outra afecção cerebral ou a um outro transtorno psiquiátrico. Estes distúrbios compreendem habitualmente vários elementos da personalidade, acompanham-se em geral de angústia pessoal e desorganização social; aparecem habitualmente durante a infância ou a adolescência e persistem de modo duradouro na idade adulta.

Associado a sensacionalização da mídia e a suposta produção de conhecimento, o transtorno de personalidade antissocial ganha destaque recorrente em discussões cada vez mais

abordadas. Comumente, ao acontecer assassinatos em massa ou uma morte brutal, o agressor é rotulado de “psicopata” pela mídia, um diagnóstico é exposto e vários médicos e leigos tentam identificar o motivo do acontecimento, gerando confusão e distorção do fato na população.

Muitos médicos e pesquisadores divergem quanto ao diagnóstico de transtorno de personalidade antissocial e de psicopatia, diferenciando-lhes. Nesta pesquisa será abordada a evolução do termo “psicopatia” para “transtorno de personalidade antissocial”, se tratando de um mesmo desvio de personalidade, assim como este é entendido pelo CID-10 e pelo DSM-IV (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), manual para profissionais da área de saúde mental que lista diferentes categorias de transtornos mentais e critérios para diagnosticá-los, de acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (APA).

Entende-se que a mudança no termo “psicopatia” para “transtorno de personalidade antissocial” se deve a difusão de critérios para a formulação diagnóstica que implicava na divergência entre especialistas para classificar um quadro clínico e no delineamento de um plano de intervenção. Essas dificuldades levaram a APA e a OMS a desenvolverem critérios mais detalhados e consensuais para diagnosticar distúrbios mentais.

Alguns estudiosos, como McGuffin, Peter e Thapar, Anita (1992), acham que pode haver predisposição genética para o transtorno, enquanto outros, como Donald Woods Winnicott apud Silveira, afirmam ser essencial considerar o ambiente que o indivíduo vive e sua interação com ele, levando em conta a negligência e os maus-tratos sofridos pela criança. A predisposição genética, para alguns estudiosos, seria numa criança que mostra um déficit emocional que, por consequência, teria uma deficiência na percepção das emoções e dos sentimentos, na regulação da impulsividade e na experimentação do medo e da ansiedade, levando-se também em conta que altos níveis de determinado hormônio podem interferir no desenvolvimento da personalidade (como um indivíduo que tem um nível elevado de testosterona pode ter um comportamento mais agressivo). Alguns desses mesmos estudiosos acreditam, que se os pais dessas crianças realizarem uma tarefa educacional bem feita, as características biológicas dessa criança seriam compensadas e suas atitudes mudariam para atividades socialmente aceitas. Outros estudiosos, que consideram o ambiente em que o indivíduo vive como fator determinante, afirmam que a negligência e os maus tratos contra a criança podem acarretar no desenvolvimento de anomalia da circuitaria cerebral como distúrbios de atenção, delinquência, hiperatividade e agressividade.

Além de ser um tema de meu interesse, foi escolhido como objeto de estudo porque séries e programas televisivos que tratam de psicopatas são cada vez mais vistos, tanto por pessoas interessadas em saber do que se trata esse transtorno, quanto por pesquisadores e estudiosos. Nesse estudo teórico serão discutidas as possíveis influências que programas televisivos violentos trazem aos telespectadores, principalmente quando estes programas expõem um diagnóstico para justificar o crime do agressor, como é feito pela série *Criminal Minds*. Para isso, foram escolhidos dois episódios dessa série: “To hell and back”, vigésimo quinto episódio da quarta temporada, e “Risky bussines”, décimo terceiro episódio da quinta temporada, dos quais será apresentado um resumo da história relatada nesses episódios com esclarecimentos de alguns diagnósticos citados. Esse estudo se baseia em artigos publicados sobre transtorno de personalidade antissocial e sobre a influência de seriados televisivos violentos nos telespectadores, sendo o diagnóstico de transtorno de personalidade antissocial, utilizado como comparação do que foi apresentado nos episódios, obtido do CID-10 e do DSM-IV.

Esse estudo foi dividido em três capítulos nos quais abordarei o diagnóstico psiquiátrico de transtorno de personalidade antissocial no primeiro capítulo, comentando a evolução do termo “psicopata” para “transtorno de personalidade antissocial” e apresentando o diagnóstico, no segundo capítulo abordarei a influência dos seriados nos telespectadores e, no terceiro, será apresentado o resumo dos episódios com comentários.

2 TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL

O transtorno de personalidade antissocial, devido às suas especificidades e seu diagnóstico ainda divergente e difícil de ser aplicado, só deve ser diagnosticado em indivíduos com dezoito anos ou mais, ficando para crianças e adolescentes o diagnóstico de transtorno de conduta e o transtorno desafiador de oposição.

O indivíduo que apresenta o transtorno de conduta tende a desenvolver comportamentos que incomodam e perturbam, além do envolvimento em atividades perigosas ou ilegais, costumam também não apresentar sofrimento psíquico ou remorso por suas ações. Esse diagnóstico se aplica a indivíduos menores de dezoito anos e traz limitações especificadas pelo DSM-IV importantes para o ponto de vista acadêmico, social ou ocupacional. Enquanto no transtorno de conduta o indivíduo apresenta comportamentos como ferir animais e furto, no transtorno desafiador de oposição o indivíduo se irrita com facilidade, se recusa a cumprir regras ou atender solicitações e perturba deliberadamente os outros. Os comportamentos antissociais tendem a persistir ao longo da vida, constituindo quadros psiquiátricos de difícil tratamento, estando os fatores individuais, familiares e sociais implicados no desenvolvimento e permanência desses comportamentos. Com a estabilidade desses comportamentos eles se tornam menos modificáveis, precisando o transtorno de conduta ser identificado o mais cedo possível.

O transtorno de personalidade antissocial está catalogado no DSM-IV, no capítulo F60.2 - 301.7, se tratando de um padrão invasivo repetitivo e persistente de desrespeito e violação dos direitos dos outros ou de normas e regras sociais adequadas à idade, que se inicia na infância ou começo da adolescência e persiste na idade adulta. Os comportamentos característicos desse transtorno abordam agressão a pessoas e animais, destruição de propriedade, defraudação ou furto ou séria violação de regras, também tende à extrema irresponsabilidade. Frequentemente, os portadores do transtorno não possuem empatia, tendem a ser insensíveis e desprezar os sentimentos, direitos e sofrimentos alheios, podem ter auto-estima arrogante, são auto-suficientes e vaidosos. Eles podem culpar suas vítimas por serem tolas ou impotentes e por terem o destino que merecem, demonstrando indiferença ou tentando minimizar as conseqüências de suas ações.

Os indivíduos portadores desse tipo de transtorno podem ser vistos por leigos como pessoas problemáticas e de difícil relacionamento interpessoal, com atitudes incoerentes com um objetivo de satisfação imediata e são frequentemente considerados improdutivos já que, por não

conseguirem se estabelecer, não adquirem sucesso. Seus atritos no relacionamento interpessoal são devido à sua desarmoniosa organização e integração da vida afetivo-emocional. As taxas de incidência dos transtornos de personalidade, que medem quantas pessoas tornaram-se doentes, variam entre 10% e 15%, variando de 0,5% a 3% as taxas de indivíduos com transtorno de personalidade antissocial.

A definição de transtorno de personalidade antissocial percorreu um longo caminho até chegar a definição que temos hoje. Morel, Bénédict Augusti (1980) apud Henriques (2009), psiquiatra franco-austriaco, chamou primeiramente de “maníacos instintivos” o que podemos chamar hoje de transtorno de personalidade antissocial, afirmando que eles tinham tendências inatas para o mal e no balanço de sua existência moral, incendiavam, roubavam, vagabundeavam e tinham propensões para todos os tipos de desregramentos.

Lombroso, Cesare (1880) apud Henriques (2009), médico e cientista italiano, associou psicopatia a conduta criminosa, sugerindo uma correlação entre personalidade e tendência inata ao crime. Dizia que essa anomalia era de tipo hereditário e podia ser expressa em formas anormais ou dimensões do crânio e mandíbula, por assimetria na face e de outras partes do corpo. Posteriormente, suas associações foram consideradas inconsistentes e inexistentes, ficando dominantes as teorias baseadas na causa ambiental da criminalidade.

Na literatura psiquiátrica, Koch, J. L. A. (1888) apud Henriques (2009) não foi o primeiro a empregar o termo “psicopático”, mas em seus trabalhos nota-se uma extensão parecida com o uso corrente atual que fazemos, devendo-se a ele a introdução desse termo na acepção moderna. Ele dizia que as irregularidades não eram equivalentes a um distúrbio mental e seu conceito de “inferioridades psicopáticas” englobava a maioria das doenças mentais “não-psicóticas”.

Ainda no século XIX, era usado o termo “psicopata” (do grego: psyché = alma; pathos = paixão, sofrimento) na literatura médica para designar doentes mentais de modo geral, sem nenhuma ligação a psicopatia e a personalidade antissocial e, até hoje, esse termo ainda é sinônimo de doença mental na literatura não especializada.

Com os trabalhos de Kraepelin (1929), Birnbaum (1928) e Gruhle (1979) apud Henriques (2009), pôde-se estabelecer uma diferença significativa entre psicopatia e psicose, antes não tão distintas. Segundo eles, a psicopatia seria sempre devido a uma disposição constitucional, podendo se manifestar ou não, dependendo também de influências ambientais. Frisaram que a psicopatia nunca progrediria para uma psicose, sendo esta um fenômeno de outra ordem. As

tipologias de Kraepelin acerca das “personalidades psicopáticas” contribuiriam para o atual conceito de transtorno de personalidade antissocial.

Schneider, Kurt (1887), em seu livro *Psicopatologia Clínica*, renegou as denominações com base nas características socialmente negativas e deu propulsão aos estudos da psicopatia ao defender que esta era um distúrbio da personalidade e não uma doença. Schneider definiu psicose como todas e somente as anormalidade psicológicas (como deterioração da personalidade, deficiência de desenvolvimento da personalidade), tendo natureza somática desconhecida e separadas em ciclotímicas (que são causadas por uma só enfermidade) e esquizofrênicas. Quanto às personalidades anormais, considerou que são causadas pela constituição somática ligada a uma depressão reativa, compreendendo variações de uma faixa média que se tem em mente, podendo ser considerado normal o meio termo dessa faixa. Diz que as personalidades psicopáticas são as personalidades anormais que sofrem com a sua anormalidade ou que fazem a sociedade sofrer e afirma que os distúrbios podem ser consequência de uma intensa vivência aguda de determinada situação, mas enfatiza a importância da disposição constitucional em detrimento dessas experiências pessoais, sendo essa disposição fruto de desvios quantitativos e não uma manifestação mórbida em si mesma. Schneider afirma não poder distinguir com precisão as personalidades psicopáticas das personalidades anormais, mas que se pode dizer que as personalidades psicopáticas não são mórbidas, ou seja, não tem relação com enfermidades ou malformações.

Schneider classifica os psicopatas em diferentes tipos como hipertímicos (de humor alegre, bondosos, otimistas, brigões e inconstantes, com temperamento fogoso, mas de fácil reconciliação em suas relações), depressivos (com estado de ânimo quase permanentemente deprimido, inseguros, dúvidas sobre o valor e o sentido da vida, com inúmeros disfarces e apurado gosto estético), inseguros de si mesmos (pouco depressivos, com aparência segura, obsessivo e com intenso medo de errar), carentes de atenção (excêntricos, pode acontecer de viverem numa representação para si e para os outros por não terem esse papel na vida real e são de difícil convivência em sociedade), instáveis de ânimo (com humor depressivo que inopinadamente se excita, com disposições de ânimo reativas ou não), explosivos (são extremamente excitáveis e irritáveis), insensíveis (sem compaixão ou vergonha, são frios e rabugentos, agem de maneira impulsiva e brutal, são incorrigíveis), abúlicos (entregam-se às influências, tem o tipo social da inconstância e pode haver recuperação de boas maneiras na

juventude, apesar de não durar muito), astênicos (alguns se sentem psiquicamente insuficientes, tendo queixa de pouca produtividade e acham que tudo que sentem é irreal ou falso, outros fracassam nos seus desempenhos físicos e não dão atenção a algumas doenças, apresentam queixa de fadiga e insônia).

Com a definição do conceito de psicose, a psicopatia foi gradativamente se restringindo e se associando ao antissocial, ficando a delimitação clínica da psicopatia enquanto personalidade antissocial efetivamente estabelecida pelo psiquiatra Cleckley, Hervey Milton (1941) apud Henriques (2009). Em seu livro “A máscara da sanidade”, Cleckley afirma que a psicopatia é um tipo de doença mental, mas sem os típicos sintomas da psicose, conferindo uma aparência normal ao psicopata. Para ele, o fundamental da psicopatia é a “demência semântica”, ou seja, a deficiência na compreensão dos sentimentos humanos, embora o portador do transtorno não aparente isso. Enfatiza o papel da constituição etiológica da psicopatia e diz que as principais características do psicopata são aparência sedutora e boa inteligência, ausência de delírios e de alterações patológicas do pensamento, ausência de manifestações psiconeuróticas, não confiabilidade, desprezo pela verdade, falta de remorso ou culpa, conduta antissocial não motivada pelas contingências, falha em aprender através da experiência, egocentrismo patológico e incapacidade para amar, sem sucesso nas reações afetivas, perda de compreensão interna, falta de reação afetiva nas relações interpessoais, comportamento extravagante e inconveniente, suicídio raramente praticado, vida sexual impessoal e mal integrada e falha em seguir qualquer plano de vida.

Embora a descrição de psicopatia na CID-10 e no DSM-IV baseie-se em Cleckley, é notável a diferença presente na descrição feita por cada manual. Ambos apresentam tipologias negativas para a psicopatia, porém enquanto o DSM-IV se baseou em características comportamentais reduzidas às condutas antissociais evidentes, a CID-10 incluiu características psicológicas quando citou os traços de personalidade e os aspectos relacionados ao indivíduo. Ambos mostram a tendência à substituição da escuta clínica pela pesquisa de anomalias comportamentais, cuja única constância seria judiciária.

Vista a evolução do termo “psicopatia” para transtorno de personalidade antissocial e seu diagnóstico, é importante notar o uso frequente desse conceito por leigos, difundindo uma imagem antiga e ainda presente atualmente de que todo louco é perigoso. Numa entrevista feita à revista Poli (2011), o psiquiatra Benilton Bezerra alerta para o perigo de se utilizar esse

diagnóstico como explicação de alguns fatos. Afirma que, por exemplo, num caso em que o assassino está morto, se diagnosticará um personagem e não uma pessoa real, já que esta se foi e levou consigo seus tormentos e, em sua cabeça, o porquê de ter feito aquilo, fragilizando a eficiência desse diagnóstico. Também afirma que o diagnóstico não deve ser usado como explicação suficiente para o ocorrido já que portadores de diagnósticos psiquiátricos graves exibem muito menos condutas criminosas do que o resto da população, sendo a maior parte dos crimes violentos cometidos por pessoas comuns em situações e contextos específicos. Para Benilton, é preciso não reagir às expressões de intolerância, mas criar mecanismos que permitam que as raízes de seu aparecimento sejam compreendidas e superadas.

3 SERIADOS TELEVISIVOS

A televisão surgiu na metade do século XX e desde então vem sofrendo mudanças não só no seu suporte tecnológico, mas também no seu papel na atual sociedade. No começo, alguns a consideravam de natureza “má” e outras a consideravam de natureza “boa”, não importando o conteúdo apresentado. Hoje, a compreendemos como um dispositivo audiovisual no qual diferentes civilizações se expressam e apresentam sua cultura, seus hábitos, suas concepções. Arlindo Machado, doutor em comunicações, defende que:

Televisão é um termo muito amplo, que se aplica a uma gama imensa de possibilidades de produção, distribuição e consumo de imagens e sons eletrônicos: compreende desde aquilo que ocorre nas grandes redes comerciais, estatais e intermediárias, sejam elas nacionais ou internacionais, abertas ou pagas, até o que acontece nas pequenas emissoras locais de baixo alcance, ou o que é produzido por produtores independentes ou por grupos de intervenção de acesso público. (MACHADO, 2003, p.19)

Desde o começo da história televisiva, com os programas de produção “ao vivo” e os programas de auditório com foque no improviso, até aos novos programas, transmissões de telenovelas e filmes, a televisão é vista como meio de comunicação democrático porque oferece acesso à informação, cultura e diversão ao maior número de pessoas possível, além dos atuais programas proporcionarem diálogos e trocas de opinião. A televisão pode ser entendida como um elo social indispensável na sociedade atual, porque enquanto a tendência moderna é o individualismo e o isolamento, ela estabelece uma ligação entre ricos e pobres, jovens e velhos, promovendo diferentes realidades e unindo ou diversificando opiniões. Hoje se pode pensar na televisão como um instrumento domiciliar que informa e diverte e que quanto maior a oferta de programas diversificados, com diferentes assuntos e tipos de programas, maior será a penetração da televisão no campo social e melhor será seu papel na comunicação nacional.

O interesse por formatos de seriados aumentou com a televisão a cabo, que permite que a programação possa ser direcionada a públicos específicos, como mães de família, homens solteiros, jovens urbanos, permitindo o atendimento aos diversos particularismos sociais e criando uma audiência fiel a esses seriados.

A forma seriada de narrativa, antes passada em forma de cartas e sermões na literatura e posteriormente tendo a técnica do folhetim nos jornais do século XIX, teve seu começo televisivo no cinema, utilizando o modelo básico de serialização audiovisual dos filmes. O seriado começa no cinema em 1913, quando os filmes de longa duração passam a ser exibidos em partes, se tratando de filmes inventados na hora sem saber como a história terminaria. Porém, o seriado tomará rumos diferentes do cinema, já que se trata de uma estrutura apresentada a um espectador

no seu espaço doméstico, precisando apresentar histórias que prendam a atenção e que instiguem o espectador a querer acompanhar os episódios. As narrativas seriadas de televisão são divididas em telenovelas e algumas minisséries, que apresentam uma única narrativa que se desenvolve ao longo dos capítulos, tendo o fechamento dessa história no último capítulo; os seriados, em que cada episódio emite uma história completa e independente, com começo, meio e fim, só repetindo os personagens; e um terceiro tipo de serialização que mantém a idéia geral da história ou só a temática, modificando os personagens, atores e até roteiristas e diretores no desenrolar dos outros episódios.

Os seriados são hoje vistos como programas com estrutura e dramaturgia sofisticadas graças a sua tradicional e sistemática produção. Tem como característica possuir um número pré-estabelecido de episódios por temporada, sendo a maioria deles de quinze episódios por temporada. Com a satisfação do público, são lançadas novas temporadas e, se preciso, são feitas pequenas alterações na trama para melhorar a aceitação e manter o público interessado. Os personagens das séries são muito bem definidos desde o primeiro capítulo e dependendo do sucesso de uma série, ela pode durar anos. Por isso, exigem uma estrutura narrativa complexa que possa adaptar-se as mudanças necessárias e que comporte as temporadas.

Ao se lançar uma nova série se tem em mente um público alvo a ser atingido. O interesse em alcançar grande audiência atingindo seu público almejado é uma preocupação constante dos produtores e programadores da série, tornando-se um fator determinante entre a produção e a recepção pelo público. Para capturar a atenção do telespectador e manter seu interesse, pesquisadores supõem que uma identificação do telespectador com um dos personagens da trama faz parte do estabelecimento de uma relação prazerosa para que seja mantido o interesse na série. Os receptores são avaliados por características como idade, sexo, etnia e grupo social, no qual as mensagens passadas são dirigidas aos aspectos individuais desses receptores. É visível que a seleção da programação se dá pelas nossas referências, desejos e necessidades, de acordo com a nossa experiência.

É notável um aumento de interesse, cada vez maior, por seriados caracterizados como violentos, sendo a classificação de crimes violentos adotada pela Polícia Militar os crimes com homicídio, homicídio tentado, estupro, roubo, roubo a mão armada, roubo de veículos, roubo de veículos a mão armada e seqüestro. Para alguns, esse interesse crescente pela retratação da violência na televisão se dá pela necessidade de identificação, já dita anteriormente, do

telespectador com os personagens e o cenário apresentado nas séries, como séries que mostram a vida nos bairros pobres e violentos. Outros atribuem ao crescente aumento da violência na vida real e a possibilidade que os seriados tem de permitir diversas questões do cenário urbano mundial, como o caos, a violência, a morte e a necessidade de justiça, serem solucionadas. Alguns acreditam que esses filmes e seriados incrementam o interesse pela área de criminalística, oferecendo um conhecimento prévio que os leva em busca de cursos e palestras não-formais sobre a área, podendo esta também ser considerada uma vertente não-formal de transmissão de conhecimento. Para Garrido, Rodrigo Grazinoli (2010), graduado em biomedicina e especialista em bioética, esse ensino informal ocorre de maneira não intencional com a experiência diária ou de programas televisivos e de leituras, partindo de interesse próprio do envolvido que contribui com a evolução científica, com a justiça e com a segurança pública.

A narrativa policial se baseia sempre na descoberta de um enigma ou na identificação de um crime com base na razão. Moreira, Lílian Fontes (2011), doutora em comunicação, afirma que a única narrativa em que o personagem se caracteriza como herói é na narrativa policial, sendo normalmente esse personagem dotado de inteligência e ironia, de meia idade, descasado cuja independência sentimental o permite viver relações intensas como um herói desenraizado, sem passado relevante e que lida com a morte de forma banal.

Com isso, frequentemente se utiliza um diagnóstico psiquiátrico para justificar o crime numa série, sendo importante e necessária uma diferenciação entre transtorno de personalidade antissocial e outros transtornos e más condutas, para que não sejam geradas mais dúvidas que conhecimento nos telespectadores. Ao apresentar e difundir um diagnóstico para leigos, fica evidente que haverá confusão e difícil dissociação entre realidade e ficção.

Há diversos filmes famosos que retratam transtornos de personalidade, como *Psicose* (1960), que retrata um brutal esfaqueamento de uma menina que cometeu um crime, considerado por muitos como um dos melhores filmes da história; *Hannibal* (2001), história de um canibal que há dez anos fugiu da prisão e a luta por vingança de parentes das vítimas; *Laranja Mecânica* (1971), sobre um jovem líder de uma gangue de delinquentes que é pego pela polícia e usado em experimentos destinados a frear impulsos destrutivos. Muitos outros filmes também fizeram sucesso no cinema, com cenas eternizadas e diferentes conceitos propagados. Algumas séries atuais também fazem muito sucesso focando no comportamento criminal e na ação policial em pegar esses criminosos, como *Law & Order* e *CSI*, que são transmitidas há mais de dez anos.

Outras focam no comportamento criminal associado a algum transtorno de personalidade, como a série *Criminal Minds*, que usualmente foca no transtorno de personalidade antissocial e utiliza dados reais para justificar crimes fictícios. Uma pesquisa feita pela empresa *Wetpaint*, que desejava medir o nível de interesse dos internautas por programas de televisão, listou as cem primeiras séries mais populares na internet, ficando *Criminal Minds* em décimo segundo lugar.

Criminal Minds é uma série televisiva dramático-policia americana que retrata o cotidiano e os casos resolvidos pelos agentes da Unidade de Análise Comportamental (*Behavioral Analysis Unit – BAU*), um departamento do *FBI (United States Federal Bureau of Investigation)*, com sede em Quantico, Virginia. A cada episódio é apresentado um novo caso, iniciado e solucionado naquele mesmo episódio, só repetindo os personagens da equipe nos episódios seguintes. Diferente dos detetives comuns, que estudam as evidências de um crime, os agentes dessa equipe analisam o comportamento do criminoso para obter uma lista de suspeitos e prever seus próximos passos. Com suas especialidades únicas, os agentes analisam o local do crime tentando analisar a mente do criminoso, traçam um perfil que descreve seu comportamento, tentam achar o fator estressor que levou o criminoso a matar, acham o padrão que mostra a frequência das mortes e sempre pegam o criminoso em flagrante. A equipe é composta por sete agentes: o principal analista comportamental do *FBI*; um gênio atormentado pela idéia de se tornar esquizofrênico, como sua mãe; um homem de família observador com habilidade de ganhar confiança e descobrir segredos; um especialista em crimes obsessivos; uma agente motivada por uma agressão não resolvida no passado; uma especialista em contatos com a mídia; e uma técnica em análise de dados e informática.

Na realidade, a *BAU* é um departamento do *FBI* com a função de dar apoio operacional a casos complexos e sensíveis por meio da aplicação da experiência em casos de investigação, educação, treinamento especializado e pesquisa. Abrangida pelo Centro Nacional para Análise de Crimes Violentos (*NCAVC*), as Unidades de Análise Comportamental são divididas em três: Unidade de Análise Comportamental 1, contra terrorismo, ameaças, incêndios, explosões, perseguição, violações na internet e situações de crise; Unidade de Análise Comportamental 2, os recursos são destinados a crimes contra adultos, como crimes serial ou em massa, agressões sexuais, seqüestros, assistência em crimes de colarinho branco, corrupção pública, crime organizado e questões de direitos civis; Unidade de Análise Comportamental 3, focada em crimes contra as crianças, como crianças vítimas de raptos, desaparecimentos misteriosos, homicídios e

de vitimização sexual. Os serviços prestados por essas unidades incluem análise da criminalidade, perfil de criminosos desconhecidos, análise de ligação, sugestões de investigação, avaliação de ameaça, estratégias de entrevista, estratégias de mídia, assistência na procura de mandado, estratégias de julgamento, depoimento de um especialista, análise de incidentes críticos e perfil geográfico.

Diferente da real BAU, a BAU apresentada em *Criminal Minds* é composta só de uma unidade que viaja pelo país inteiro solucionando todos os tipos de casos ligados a assassinos seriais, além dos serviços prestados descritos serem parecidos com os serviços prestados pela BAU em *Criminal Minds*.

Devido a proximidade com a realidade e a apresentação de um diagnóstico psiquiátrico que tenta justificar o ato criminoso, o que é proposto em *Criminal Minds* pode, sem intenção, gerar confusão entre realidade e ficção nos telespectadores. Durante toda a história da humanidade, são contados relatos isolados de matadores em série que assombram as pessoas devido a crueldade de seus crimes. O interesse por esses crimes é crescente, já que a psicopatia é um conceito psicológico de significado controverso, com dificuldade na sua especificação e delimitação.

O papel formador de opinião apresentado pela mídia televisiva e jornalística pode, em alguns casos, ser entendido como difusor de pensamentos preconceituosos. Um exemplo de caso em que a mídia propaga um conceito errado é citado por Barros, L. F.(1999), escritor e presidente do projeto Fênix (Associação Nacional Pró Saúde Mental e Coordenador Nacional dos Psicóticos Anônimos), que publicou um artigo no *Jornal da Tarde* (16/01/1999) intitulado de “Maníacos e Psicopatas” em que discutiu sobre a influência da mídia na formação de opinião. Nesse artigo, Barros afirma que mídia “brinca com coisa séria” quando super-expõe um criminoso com transtorno de personalidade antissocial e dá ao crime uma dimensão escandalosa e sensacionalista, elevando o protagonista ao estrelato. Barros diz que:

“Quando a mídia batizou de **maníaco do Parque** um psicopata responsável por inúmeros crimes hediondos, mais uma vez contribuiu para a confusão lingüística que fomenta desinformação e reforça preconceitos que atingem milhões de portadores das mais diversas doenças mentais de natureza não agressiva e anti-social.”

Enquanto isso, o seriado *Criminal Minds* é exibido há quatro anos de segunda a sexta, nos horários de 22:00h, 16:00h e 17:00h, no canal AXN, também com a possibilidade de ser visto

pela internet. Apesar de sua censura livre, há imagens de mortes violentas com histórias envolventes, que não devem ser vistas por crianças, porque as contradições apresentadas e o jogo de conflitos geram evidentes efeitos em mentes ainda em formação. Alguns autores atribuem a responsabilidade pelos atos violentos de algumas crianças e jovens a algumas séries com conteúdo violento. Ferrés, Joan (1998) apud Becker (2005), pedagogo espanhol, adverte que a maior parte dos efeitos benéficos ou nocivos gerados pela mídia, não depende dela em si, mas do contexto da recepção dessas mensagens. Aguaded, José Ignacio apud Becker (2005), professor de educação e mídia de novas tecnologias aplicadas à educação, afirma que a televisão dificulta o diálogo entre pais e filhos, cortando a comunicação graças às muitas horas gastas em frente à ela, além de influenciar negativamente seus comportamentos, alterando seus modos de viver e as suas capacidades para diferenciar a realidade e a representação.

Além de se tratar de uma série norte-americana, que traz consigo conceitos difundidos nos Estados Unidos, que aumenta o sentimento nacionalista norte-americano, já que conta os casos, sempre bem-sucedidos, de um departamento de investigação federal e que refletem uma forma de mentalidade e de posicionamento norte americano perante a sociedade e o mundo, é preciso entender que a influência dessas informações e imagens sobre as crianças e os jovens devem ser analisadas sobre a condição que implica num indivíduo seus comportamentos específicos e seu processo único de estruturação do pensamento.

4 EPISÓDIO “TO HELL AND BACK” DA SÉRIE CRIMINAL MINDS

No comercial da série Criminal Minds, exibido no AXN, é citada a frase de Dostoiévski que diz “*Nada é mais fácil do que condenar um criminoso. Nada é mais difícil do que entendê-lo.*” Além do habitual recurso de todo começo e final de episódio ser citada uma frase famosa que resuma ou justifique algo no episódio, os comerciais sobre a série também apresentam frases famosas. Essa frase citada expressa bem a temática e a lógica traçada em Criminal Minds, de tentar ir além da simples condenação, mas primeiro entender a mente criminoso, para além de capturar o criminoso, evitar que isso aconteça de novo.

O episódio “To hell... and back”, vigésimo quinto episódio da quarta temporada, se inicia com um cidadão armado dirigindo por ruas habitadas por moradores de rua, viciados em drogas e garotas de programa. Ele carrega fotos que identificam os moradores daquela rua, junto de um caderno, tentando identificar as pessoas daquelas fotografias. Em seguida, aparece a cena desse homem dirigindo para a fronteira do Canadá, quando depois de passar pelos guardas ele volta e destrói a cabine de polícia. Quando sai do carro e é algemado pelos policiais, diz para ligarem para o FBI porque ele havia matado dez pessoas no último mês.

A equipe da BAU (Unidade de Análise Comportamental) é acionada e os agentes se reúnem para falar do suspeito. Seu nome é William Hightower e alega ter matado dez pessoas que moravam nas ruas de Detroit e deixado os corpos além da fronteira canadense. Até dois meses atrás, William era sargento do exército e perdeu a perna numa emboscada quando lutou na guerra no Iraque. Os agentes acham que o motivo do suspeito ter batido na guarita com seu carro pode ter sido estresse pós-traumático ou ter tentado suicídio e querer levar quantos policiais conseguisse. O transtorno de estresse pós-traumático é caracterizado por uma reação de medo intenso, impotência ou horror quando um indivíduo vivencia ou testemunha um ou mais eventos que envolvam morte, ferimento grave ou ameaça à integridade física, própria ou de outros. Em pesquisas recentes feitas com portadores do transtorno de estresse pós-traumático identificou-se que homens preenchem frequentemente o critério de personalidade antissocial. Além disso, pesquisas realizadas pelo National Comorbidity Survey demonstram que portadores do transtorno de estresse pós-traumático tentam suicídio com mais frequência que outros indivíduos, o que explica as suposições dos agentes.

Como dito anteriormente, todos os episódios começam e terminam com uma citação famosa que introduz ou resume o que vai ser apresentado durante o episódio. Enquanto os

agentes estão no avião a caminho de Detroit, é citada a frase de Flannery O'Connor: "Se não houvesse o inferno, seríamos como animais. Sem inferno, sem dignidade." Citação que pode ser entendida como se a dor fizesse parte de nós, através do sofrimento e da experiência de superação nós adquirimos dignidade e crescemos. Durante o trajeto, a equipe começa a traçar o perfil do suspeito. Observam que a única relação entre as vítimas é que foram pegadas na mesma área, no Cass Corridor, uma rua com alta concentração de tráfico, prostitutas e desabrigados, pessoas classificadas com comportamento de alto risco, concluindo que para o suspeito é mais importante a oportunidade que a vitimologia, já que ele capturou tanto os drogados quanto as prostitutas. Entende-se por traçar o perfil psicológico a verificação da motivação psíquica do agressor, ou seja, o fator estressante que desencadeou o ato criminoso, também a reconstrução de sua anamnese (princípio e evolução de sua enfermidade psíquica até o momento presente de sua história) para averiguar as conseqüências psico-emocionais de seus atos assim como seus efeitos legais perante a justiça. A vitimologia citada é o estudo da vítima na condição de objeto, assumindo as seqüelas causadas pelo crime e considerando a possibilidade de participação da vítima no crime. Ao dizer que o suspeito não se importa com a vitimologia, os agentes alegam que o suspeito não tem um alvo específico como vítima, mas captura as vítimas segundo a oportunidade de sua disposição.

Ao chegar ao quartel General de Winsor, em Ontário, um dos chefes do quartel acredita que o suspeito tenha matado todas aquelas pessoas porque se encaixa no perfil que ele traçou: trauma físico recente, que pode ser um estressor, grande diferença entre as vítimas, sem corpos, evasão de divisas, dois terrenos diferentes, precisa ser forte, esperto, organizado e variável, em que o treinamento militar fornece tudo isso. Apesar do suspeito se encaixar no perfil traçado pelo policial, o que o faz acreditar que ele é o criminoso, os agentes sabem que o perfil traçado serve como referência para achar ou analisar o suspeito, podendo haver alterações ao longo do processo, já que diferentes fatores influem no comportamento criminal. O agente atrasa o interrogatório, alegando que se entrar na hora que o suspeito o espera, o suspeito estará no comando, mas se entrar depois e o fizer colher informações, a entrevista será sua. A tática de interrogatório de fazer com que o suspeito espere é muito presente em outros episódios dessa e de outras séries criminais, sendo esta apenas uma das diversas táticas de interrogatório. O interrogatório é sempre mostrado como uma das partes principais do episódio, já que se o interrogador descobrir a combinação certa de circunstâncias e técnicas com base na personalidade

e nas experiências do suspeito, ele poderá fazer com que ele confesse seu crime. Estudiosos estimam que, nos Estados Unidos, algo entre 42% e 55% dos suspeitos confessam um crime durante uma sessão de interrogatório.

Enquanto outros agentes estão nas ruas de Detroit, eles percebem que os moradores de rua montaram acampamentos e que ninguém estava isolado. Havia tráfico à luz do dia, prostitutas trabalhando em grupos, o que torna difícil matar alguém sem deixar testemunhas. Os agentes perguntam aos moradores de rua se reconhecem alguém das fotos mostradas e um dos moradores reconhece um dos desaparecidos, diz que muitas outras pessoas também desapareceram nesses últimos dias e que não é comum que tantas pessoas desapareçam em tão curto período de tempo. Uma das garotas de programa diz que elas tentam ficar juntas e vê problema no desaparecimento de outras colegas, já que é difícil largar aquela vida. Quando os agentes perguntam se viram o suspeito, os moradores dizem que ele está sempre por ali, mas que ninguém o perturba porque ele anda armado. Os agentes pedem detalhes do que o suspeito faz quando está naquelas ruas e de seu comportamento. Ao recorrerem aos moradores da rua onde as vítimas foram pegadas, os agentes buscam informações das pessoas que mais conheciam as vítimas, podendo saber suas atividades, como agiam e o que possibilitou que fossem pegadas, além de ajudar a saber como o suspeito age para capturar suas vítimas.

Um agente interroga o suspeito dizendo querer ouvir uma confissão e onde ele desovou as vítimas e apela emocionalmente comparando o desaparecimento dos moradores de rua aos companheiros combatentes de guerra do suspeito, mas percebe que o suspeito estava assumindo a culpa de um crime que não era seu, que o que ele realmente queria era ter certeza de que o desaparecimento daquelas pessoas seria investigado, já que, segundo o relato dos moradores de rua, o suspeito todas as noites tirava fotos dos moradores, anotava o nome de todos numa agenda e tinha um comportamento protetor, como alguém do exército fazendo a ronda noturna. No vídeo da noite em que o suspeito atropela a guarita na fronteira canadense, percebe-se que ele esperou não ter ninguém ali dentro para atropelá-la, podendo esta ser considerada como uma atitude desesperada para chamar atenção. O suspeito explica que o motivou a fazer isso foi ter feito a contagem dos moradores de rua naquela noite e ter descoberto mais um menino desaparecido e que nas três vezes que fez queixa à polícia de Detroit, já que achava que crimes estavam ocorrendo naquela rua, eles lhe disseram que as pessoas que ele estava procurando haviam desaparecido e que era assim a vida nas ruas. O suspeito diz que o que o motivou a essa busca foi

porque assim que voltou do Iraque, sua mãe o disse que sua irmã caçula estava nas ruas e pediu para que ele a encontrasse, mas que depois de encontrá-la e levá-la para casa, duas semanas depois ela voltou para as ruas. Ele mostra uma gravação para o agente em que sua irmã liga gritando que está escuro, que não sabe para onde a estão levando. William descobriu que o chamado tinha vindo do Canadá, logo após a fronteira, o que explica porque o suspeito foi para a fronteira e chamou o FBI, já que sabia que eles investigariam um americano acusado de assassinato. O agente diz acreditar em William e solicita sua ajuda no Cass Corridor, para achar o real suspeito.

O episódio se volta para um homem chegando em uma fazenda com sua caminhonete e um outro homem deitado e amarrado numa tábua. O homem mais forte pega a vítima e a debruça sobre um muro, desenha um “X” em seu pescoço e bate em sua cabeça com um martelo, deixando a vítima desacordada. O mesmo homem no dia seguinte caminha até a vítima que estava deitada amarrada sobre uma mesa, pega algumas seringas, vidros de remédio e curativos e retira um líquido branco do pescoço da vítima, em seguida corta seu corpo em partes e o dá de comida aos porcos. Aparece comendo a cabeça de um porco e vendo fotos de vítimas passadas. Subitamente pega um revólver e sai para procurar novas vítimas.

Um agente pergunta a uma policial de Detroit se ela conhecia William, ela diz que sim e que sentiu pena dele, mas que não checkou o que ele a tinha dito porque as família não querem saber o que realmente aconteceu, já que preferem acreditar que alguém está morto do que admitir isso. O agente repreende a policial que não tomou providências, mesmo sabendo dos desaparecimentos das vítimas, dizendo que para a policial são “apenas pessoas jogadas fora”.

Quando os agentes procuram no histórico dos crimes ocorridos nas datas dos desaparecimentos, descobrem que, nas cinco noites dos seqüestros, a polícia reportou arrombamentos ou roubos em algum tipo de instalação médica, como hospital, banco de sangue, companhia de suprimentos médicos e que o suspeito levou anestesia, equipamento esterilizado, seringas, tubos, sangue O-, dreno, fio de sutura, curativos e bomba de infusão. Ao verem que essas instalações ficam na mesma rua em que os moradores de rua desapareceram e que, além do material roubado ter sido bastante específico, precisaria de conhecimentos médicos para utilizar esses materiais. Os agentes descrevem o suspeito como um sádico sexual com conhecimentos médicos, que está roubando equipamento médico para fazer cirurgias experimentais nas vítimas e que sente satisfação em manter as vítimas vivas para poder torturar mais. Alegam que ele é

extremamente esperto e obviamente organizado, já que conseguiu pegar várias vítimas com habilidades diferentes, sempre sem deixar testemunhas. Dizer que o suspeito é um sádico sexual implica na diferenciação entre um criminoso sexual que agride sexualmente sem matar, se tratando da grande maioria dos estupradores e violentadores sexuais, e um assassino sexual serial, que mata e mutila várias vítimas em um certo período de tempo para gratificar-se sexualmente, tratando-se deste tipo nesse episódio. Embora a apreciação do sofrimento da outra pessoa ser comum e importante no sadismo sexual, o desejo pelo domínio e a completa subjugação da outra pessoa aos desejos do sádico é crucial, sendo a tortura em si a substituição do sexo.

O agente alerta William que apesar de sua ajuda, mesmo que prendam o criminoso, William ainda terá que cumprir pena no Canadá pela destruição da cabine policial. Apesar disso, ele não aparenta raiva e continua ajudando os agentes.

Os agentes dizem que o suspeito vê as vítimas como descartáveis, sem importar o sexo, já que para os sádicos sexuais o gênero não importa. Ao descobrir o desaparecimento de uma prostituta, os agentes dizem ser mais fácil atacá-las, já que entrariam no carro e as isolariam de testemunhas facilmente. A mãe do sargento William diz que sua irmã sumiu no dia do primeiro saque do dinheiro do auxílio-desemprego e os agentes percebem que todos os outros raptos aconteceram entre o primeiro e o décimo quinto dia do mês, quando o dinheiro é depositado e acham que o suspeito captura vítimas sozinhas baseado em como elas sacam o dinheiro e que no resto do mês recorre a prostitutas, o que explica o padrão. O padrão é o ponto mais importante para a definição do diagnóstico do suspeito, já que mostra como ele lida com o crime, com que frequência ele mata e qual a seleção da vítima. Ao conversarem com um dos moradores de rua, os agentes descobrem que os saques tem destino para comida ou abrigo, mas que há um motel numa rua próxima onde é possível sacar o auxílio trocando por dinheiro, o que possibilita com que os desabrigados fiquem com o dinheiro da droga e permaneçam nas ruas.

Quando os agentes vão à cabine onde os moradores de rua recebem o dinheiro, o atendente diz que a prostituta que eles procuravam passou por ali há pouco tempo, mas que entrou num sedan preto de um suposto traficante. Os agentes dão a foto da menina desaparecida a todos os agentes e alfandegários, porém o suspeito faz outra rota com o carro e em seguida pega um barco, não precisando passar pela cabine na fronteira. Quando os agentes procuram outras possibilidades de rota, descobrem que há casas naquela área da fronteira e uma ferrovia subterrânea que não há em mapas, vêem que só há uma casa ao longo do rio e vão até lá. Ao

achar o local, encontram um rio e um carro abandonado pertencente a Mason Turner, de trinta e nove anos, se formou em medicina, trabalhou na Saúde Pública de Detroit e que morava numa fazenda.

O episódio volta para a cena do suspeito pegando a nova vítima amarrada, a debruçando sobre o muro, fazendo um “X” em seu pescoço, mas quando se preparou para bater com o martelo em sua cabeça, avistou os carros dos policiais chegando e levou a vítima para um esconderijo. A menina diz que precisa de um hospital, mas o suspeito diz que Mason disse para nunca ir a hospitais e repete essa fala como se repetisse uma ordem sem questionamento. Enquanto o suspeito tenta ligar para seu irmão, a menina tenta se aproximar dele, dizendo que o celular não funcionaria porque ali era subterrâneo, mas o suspeito se irrita e quando bate na menina ela chama por sua mãe, deixando o suspeito confuso e arrependido. A menina tenta fazer amizade, se apresentando como Kelly e o suspeito se apresenta como Lucas. Ela pede comida para Lucas, que ao subir para pegar comida, Kelly consegue esconder o celular. Quando Lucas volta, ela elogia sua “casa”, mas Lucas diz que a fazenda é sua casa, ali é para quando ele caça, que o lugar foi construído por ele, seu pai e seu irmão, mas que depois seu pai morreu. A menina não entende e pergunta se foi Mason quem morreu, deixando Lucas nervoso e repetindo que Mason não morreu, só caiu do celeiro e que agora toma conta dele, mas que não o empurrou. Enquanto isso, os policiais buscam pistas do suspeito e, ao entrar no celeiro, acham o material hospitalar desaparecido ao lado de uma tábua ensangüentada. Ao entrarem na casa, acham um homem tetraplégico deitado numa cama respirando com a ajuda de aparelhos, que se apresenta como Dr Turner, fazendo o policial local duvidar que aquele fosse o real suspeito, já que ele não teria condições aparentes de seqüestrar ninguém.

Alguns agentes olham os porcos e ouvem um grito, sem saber a direção para procurar, já que as florestas atrapalham o som. Os agentes acham que os porcos, por serem onívoros e comerem qualquer coisa, possam ter comido os corpos das vítimas, mas que a última menina desaparecida ainda não tinha sido devorada pelos porcos, já que isso levaria tempo. A fazenda é vista como um ponto estratégico para o acontecimento desses crimes, já que além de ser isolada das outras casas, é cercada por florestas que abafam o som vindo de qualquer possibilidade de reação das vítimas e dificulta a visão de quem está de fora. Ao entrar para conversar com o homem tetraplégico o agente percebe que ele assistia a tudo o que acontecia do lado de fora da casa, já que seu quarto tinha vários espelhos que refletiam diferentes ângulos do que acontecia ali

fora. O suspeito sempre dizia não ter culpa e que o homem que os agentes procuravam era seu irmão Lucas. Mason diz que Lucas é louco, que o deixou tetraplégico quando o empurrou do celeiro, porque Mason quis vender a fazenda depois de terminar a faculdade de medicina para abrir uma clínica na cidade e alerta que seu irmão é grande e muito forte, que os agentes devem matá-lo assim que o encontrar, senão ele matará a todos. O agente acha uma foto de Lucas e repassa a informação de que Lucas é extremamente psicótico, que não se entregaria sem lutar, mas acha que o fato de Mason ter mandado matar seu irmão era uma forma de apagar metade das provas. A psicose, de acordo com alguns autores, é uma doença mental caracterizada pela distorção do senso de realidade, um tipo de inadequação, e pela falta de harmonia entre o pensamento e a afetividade.

Enquanto procuram pistas, os agentes acham uma caixa grande com uma marca de mão ensangüentada na tampa, ao abrir vêem um tipo de lixeira, com oitenta e nove pares de sapatos ensangüentados de diferentes tamanhos, masculinos e femininos, possivelmente das vítimas. Quando o agente vai até o celeiro, além de achar o material hospitalar, acha ratos numa gaiola e desenhos que parecem ter sido feitos por criança, acha a cama de Lucas e alguns pratos de comida. O agente duvida que Lucas seja psicótico porque essa coleção de desenhos sugere autismo ou retardo mental moderado e que retardo e psicose numa mesma pessoa é extremamente raro e que é mais provável que ele não entenda direito o que faz. Nos desenhos, Lucas deixa a entender que alguém o observa e que é muito infantil. Acha que quando o encontrarem ele estará assustado e confuso e que talvez lute. O autismo é um transtorno que apresenta perturbação do funcionamento nas interações sociais, comunicação, comportamento focalizado e repetitivo, além de outras manifestações inespecíficas, como fobias, crises de birra ou agressividade. Enquanto o retardo mental moderado tem como característica a dificuldade de aprendizagem acentuada do desenvolvimento na infância, mas que os portadores aprendem a desempenhar certo grau de independência.

A analista de sistemas descobre no laptop do suspeito tetraplégico que eles faziam experimentos e que ele estava tentando se curar. Quando o agente diz para o suspeito que eram seres humanos, o suspeito diz que eram “mendigos, drogados e prostitutas. Inúteis para a sociedade. Dei a eles a chance de ser parte da cura. Serem úteis. Isso é ciência.” O suspeito diz que o juiz não acreditará que ele conseguiu matar alguém já que não consegue mexer nada abaixo do pescoço há sete anos e que, mesmo que pudessem acusá-lo de algo, nenhuma punição seria

pior que a vida que ele leva. Os agentes descobrem que provavelmente os experimentos que os irmãos faziam eram de regeneração espinhal para Mason se curar, mas que para células-tronco o equipamento era muito fraco e que nunca funcionaria.

Volta a cena da vítima com Lucas e a vítima diz precisar ir ao banheiro e pede a Lucas para ir à floresta. Quando ela sai do esconderijo, liga para o primeiro número que aparece no celular, mas quem atende é a agente do FBI, que rastreia a ligação e agora sabe onde a menina está. Lucas fica furioso ao ver que Kelly pegou seu celular e briga com ela dizendo que ela mentiu, mas Kelly o ameaça dizendo que o FBI está a caminho e diz para deixá-la ir, chamando o de louco. Lucas começa a chorar, dizendo que não é louco e Kelly pede desculpas, reconhecendo a fragilidade de Lucas. Lucas conta a Kelly que empurrou o irmão do celeiro e que às vezes fica tão bravo que fica malvado. Quando os agentes acham o esconderijo, Kelly diz para Lucas não fazer nenhum movimento brusco quando os agentes descerem. Kelly é tirada de lá, enquanto Lucas permanece no chão chorando e com as mãos para o alto. De repente, Lucas se levanta e corre em direção aos policiais, que atiram, o matando. Enquanto todos os agentes estão longe da casa, William acha uma arma na porta da casa do suspeito tetraplégico, entra, atira nele e depois se rende. William atirou no suspeito tetraplégico porque sabia do risco de inimputabilidade penal que o suspeito teria. A inimputabilidade é a isenção de pena a quem pratica o crime, sendo este considerado inexistente. Ela é conferida ao doente mental ou aquele que tem sua maturidade incompleta ou retardada e ao indivíduo absolutamente incapaz de entender a ilicitude de seu ato.

Os agentes terminam o episódio voltando para Quantico, Virginia, com um agente dizendo: “Às vezes, não há palavras ou citações inteligentes para resumir o que houve naquele dia. Às vezes você faz tudo certo, tudo exatamente certo e ainda sente que falhou. Precisava acabar daquele jeito? Algo poderia ter sido feito para evitar a tragédia, em primeiro lugar? Oitenta e nove assassinatos na fazenda dos porcos. As mortes de Mason e Lucas Turner levaram a noventa e uma mortes. Kelly vai para casa tentar se recuperar. Reconectar-se com sua família, mas nunca mais será uma criança. William, que deu a perna por esse país, deu o resto de si para vingar o assassinato de sua irmã. Isto fez noventa e três vidas serem alteradas para sempre. Sem contar, famílias e amigos, numa cidadezinha de Sarnia, Ontario, que pensavam que monstros não existiam, até descobrirem que passaram a vida com um. E minha equipe? Quantas vezes mais vão conseguir olhar para o abismo? Quantas vezes até não conseguirem mais recuperar os pedaços de si que esse trabalho arrancou?”

O episódio termina com a cena desse mesmo agente chegando em casa de noite, tomando uma bebida e sendo surpreendido por alguém vestido de preto, com uma máscara branca, o ameaçando com uma arma. O agente diz: “Como eu disse, às vezes não há palavras nem citações inteligentes para resumir o que houve naquele dia. Às vezes, o dia apenas acaba.” O homem que o ameaça diz: “você deveria ter feito o acordo” e atira.

Esse episódio retrata mortes violentas de moradores de rua, ignorados e excluídos pela maior parte da sociedade. Com o pensamento de serem pessoas descartáveis, o médico tetraplégico quis usá-las de teste para sua cura, ignorando sua condição humana. Manipulou não só como os crimes deveriam ser feitos e quais deveriam ser as vítimas, mas colocou a responsabilidade de ajudá-lo nessa cura a seu irmão, já que ele mesmo o tinha deixado tetraplégico. Seu irmão, diagnosticado pelos agentes com autismo ou retardo mental, não controlava sua raiva e cometia crimes bárbaros, mas obedecendo às ordens de seu irmão tetraplégico.

Esse episódio chama atenção a questão da inimputabilidade penal dos dois suspeitos, se eles deveriam ser mesmo punidos já que cometeram crimes de extrema violência ou se deveriam ficar internados ou receber algum outro tipo de tratamento, já que ambos apresentavam deficiências física e mental. Uma questão jurídica que sofre contínuas alterações.

5 EPISÓDIO “RISKY BUSSINES” DA SÉRIE CRIMINAL MINDS

O episódio Risky bussines, décimo terceiro episódio da quinta temporada, inicia-se com a cena de dois quartos: um menino jogando videogame, com seus troféus e uma menina, com fotos de amigas, conversando no computador. Ambos se levantam, fecham as portas de seus quartos. O menino pega uma gravata, amarra na porta de seu quarto, se ajoelha e se enforca. A menina pega um cinto de uma roupa qualquer, amarra no cabideiro do guarda-roupa e se enforca. Uma tela azul aparece no computador de ambos logo após eles se enforcarem. Depois de certo tempo, seus pais ao entrarem nos quartos, encontram seus filhos mortos e os levam para a emergência. Ao saber do ocorrido, uma policial local liga para o FBI e conta que há seis noites atrás, no condado de Uinta em Wyoming, dois adolescentes foram encontrados enforcados em seus quartos e que, apesar da BAU não cuidar de casos de suicídio, mais dois garotos de cidades vizinhas foram encontrados enforcados atrás de suas portas na outra semana. A agente do FBI convence seu chefe de que havia algo errado, já que quatro suicídios bem sucedidos no mesmo condado rural em uma semana está acima da média nacional e que esses garotos não se encaixam no padrão, já que não consta abuso de drogas ou álcool, sem uso de antidepressivos, sem prisões anteriores, eram apenas bons garotos que decidiram se enforcar no mesmo horário numa sexta à noite. Acrescenta que quando alguém se sente encurralado no que diz respeito a uma situação sem esperança, apertar o gatilho, tomar comprimidos ou se enforcar parece ser a única saída, mas que nada disso parecia existir naqueles casos, conseguindo assim abrir uma investigação de morte duvidosa. A média nacional mencionada pela agente diz respeito ao cálculo do número de óbitos por suicídio a cada cem mil habitantes.

O agente explica aos outros que um dos aspectos de morte duvidosa quando o suicídio é uma probabilidade é uma estimativa de personalidade indireta. Todos os quatro adolescentes eram bons estudantes de cidades diferentes, mas na mesma escola e no mesmo condado, ativos nos esportes e na comunidade, com famílias sem problemas mentais ou acontecimentos precipitantes. O fato de não haver conexão evidente entre eles, além da relativa proximidade, descarta um pacto de suicídio visível. Um agente acrescenta que os primeiros dias de preparação até o suicídio de um adolescente normalmente são percebidos, já que seus comportamentos são transparentes e exibem muitos sinais, mas esses sinais não aparecem ali, já que não há tentativas anteriores, nenhum período de depressão profunda, nenhuma separação na família, nenhuma

proclamação espontânea de amor e que, às vezes um suicida, nos dias que antecedem seu ato, surge com um “eu te amo” para a família, quase como um adeus.

Quando os agentes chegam ao condado, a policial local pergunta se deve dizer aos repórteres o número de suicídios, mas os agentes alertam que não, já que sensacionalizar essas mortes pode causar um efeito dominó com outras crianças. Um agente explica que o termo é contágio de suicídio e se trata da difusão de pensamentos suicidas entre um grupo de pessoas que às vezes resulta em imitação, prevalece em casos de adolescentes, onde estudos apontam que a cobertura da mídia é associada a mais mortes.

A equipe se divide para interrogar os pais dos adolescentes mortos. Os pais da menina dizem que ela estava animada com a graduação da escola no ano seguinte, que tinha um namorado e observando seu quarto os agentes percebem que a menina era realizada, que não havia nada de incomum em seu diário, nenhuma fúria, angústia, que os toques pessoais mostravam que ela estava feliz e que era um risco baixo para suicídio. Na casa dos pais do garoto, a mãe diz que sabia que o menino não tinha se suicidado, já que o FBI não investigaria casos de suicídio, mas o agente explica que às vezes eles fazem uma investigação de morte duvidosa para tentar descobrir como a morte ocorreu. No quarto do menino os agentes dizem não ter nenhum esconderijo ou drogas, vêem que ele tinha namorada, boas notas, que foi chamado para entrar no time da escola no ano seguinte e que não tinha um computador pessoal porque os pais tinham medo das horas sem supervisão na internet, mas tinha um videogame, fácil de conectar a internet. Segundo dados da Psychiatric emergencies pode ser considerado um risco baixo para suicídio pessoas com menos de quarenta e cinco anos, do sexo feminino, com relações interpessoais e familiar estáveis, com boa saúde, podendo apresentar depressão leve ou neurose, mas com personalidade normal, com ideação suicida infreqüente ou leve, com muitas aquisições pessoais, afeto adequado e com família envolvida na vida social.

A analista de computadores da equipe abre o histórico dos últimos sites visitados pelos adolescentes e descobre que seu último site acessado era de um jogo de asfixia. É um jogo que os adolescentes se asfixiam, chamado de “droga das boas crianças”, em que eles ficam tontos e sentem euforia, apesar de não ter drogas de verdade envolvidas. As instruções de como jogar esse jogo podem ser encontradas facilmente em sites, sendo mais comum nos países da Europa e nos Estados Unidos. A analista acha um comando de voz onde alguém desafia o adolescente, o convencendo a fazer aquilo, já que todos também fazem e descobre que se trata de uma

competição entre escolas, com regras e que na próxima semana a escola que registrasse mais “tempo feliz” ganharia a competição. Os participantes recebem instruções de reunir os amigos para treinar e fazer o efeito durar mais, para fazerem isso sozinhos também e filmar com a webcam para transferir para o site e contar na pontuação. Um agente observa que fazer isso sozinho requer ataduras e que alguém os está encorajando a jogarem a forma mais mortal do jogo, já que não teria ninguém por perto para revivê-los.

O episódio mostra uma cena de alguns adolescentes conectados ao site, recebendo o comando de fechar a porta e os lembra que no dia seguinte será uma grande noite e todos jogarão o jogo.

Os agentes divulgam o perfil dizendo que o suspeito é o responsável pelas mortes, talvez um adolescente solitário, que não participa de equipes de esporte ou grupo de atividades, tem baixa auto-estima e sua única forma de interação é pela internet, já que na vida real ele se considera um perdedor, mas o espaço virtual o faz um vencedor por poder comandar. Pais e professores devem prestar atenção se as crianças estão com olhos avermelhados, marcas nos pescoços, dores de cabeça intensa, desorientação. Os agentes acham que se trata de homicídios negligentes, já que o adolescente se asfixia e desafia as outras crianças a fazerem o mesmo.

Na escola, dois agentes são escolhidos para alertarem as crianças. Um deles explica que “dois mecanismos diferentes, estrangulamento e hiperventilação, criam o mesmo efeito de falta de oxigenação no cérebro.” Enquanto esse agente fala, o outro vê um menino mandando mensagem por celular e lê que o menino achava que o agente não queria que ele ganhasse a competição. O outro agente alerta que não queria que eles participassem da competição e apela emocionalmente perguntando se eles se lembram do amigo morto, de como ele jogava futebol, que levou a namorada na formatura. Explica que ele também queria ganhar a competição, mas quando ele se asfixiou, ele cortou todo o oxigênio que ia até seu cérebro, que mandou um sinal de perigo ao coração reduzindo os batimentos cardíacos e o cérebro dele, para se preservar, “desligou” todas as funções não essenciais do corpo, fazendo com que os braços e as pernas parassem, significando que ele não poderia soltar a gravata de seu pescoço até o momento em que ele entrou em pânico e que, em seu caso, evoluiu para um ataque cardíaco, fazendo seu coração parar e causando danos ao seu cérebro que, depois de quatro minutos, morreu completamente. O agente explica que o adolescente morreu com medo, provavelmente com muita dor e incapaz de parar o que achava ter completo controle. Depois de toda a explicação, um menino da classe diz

não acreditar no que foi dito, mas quando é chamado para mostrar o que pensa, ele foge de sala. Depois de pego, o agente vê marcas roxas em seu pescoço que estava escondido por colares grossos pretos. Eram marcas de diferentes cores que significavam diferentes estágios de cicatrização. Os agentes acham que é provável que ele seja o suspeito procurado e o levam ao hospital. Quando o pai é noticiado que seu filho vem se asfixiando recentemente se faz de desentendido, diz que o filho se veste com roupas góticas, unhas e olhos pretos desde que sua mãe morreu e que ele passa o tempo todo no computador, ignorando que esse pudesse ser um indicador de que algo estava errado.

Ao interrogar o adolescente suspeito, os agentes não obtêm respostas e o menino não demonstra preocupação. Os agentes acham que ele é sozinho porque ele e seu pai se mudaram três vezes desde que sua mãe morreu, cortando assim seu grupo de apoio. Como os dois agentes que tentaram interrogar o garoto não obtiveram sucesso, o chefe pede para a analista técnica ir conversar com ele para tentar fazê-lo falar. Ao entrar na sala, ela se apresenta como Penélope e se identifica como a analista técnica do FBI, diz que o garoto parece estar triste, mas que o tempo é uma ótima cura, que ela perdeu os pais quando tinha a mesma idade do garoto e que se sentiu totalmente sozinha, até achar seus amigos da internet e o garoto diz que o mesmo aconteceu com ele. Ela diz que ele ficará melhor, elogia suas unhas pretas e começa a conversar sobre computadores, inspirando confiança. Durante a conversa, o agente chefe interrompeu o interrogatório dizendo que o pai do garoto pediu e que iria chamar um advogado. Os agentes vêem que a mãe do garoto estava muito doente antes de morrer, sem diagnóstico e sem possível causa, mas descobrem que a morte da mãe pode ter levado o pai ao desenvolvimento da Síndrome de Munchausen por procuração, com envenenamento sub-reptício. A síndrome de Munchausen por procuração ocorre quando um parente de forma persistente produz de forma intencional sintomas na criança, fazendo a ser considerada doente ou produzindo nela uma doença. Nesse caso, o pai asfixia o filho até quase a sua morte e o revive, se satisfazendo com isso. Enquanto a analista técnica investiga o computador do adolescente, os agentes percebem que, apesar de só ter um administrador no site, ele às vezes muda a maneira de falar, tendo um comportamento bastante sofisticado para uma criança. Um agente diz que é fácil alguém mais velho se comportar como criança, mas virtualmente impossível alguém mais novo se comportar como mais velho e mais educado do que realmente seja. Analisando a escrita, os agentes vêem

que um adolescente e um adulto estão usando o mesmo apelido e diz que um adulto estava manipulando o garoto.

O relatório médico do adolescente mostra que os ferimentos foram causados por estrangulamento, também apresentando uma lesão que parecia ter sido causada por ressuscitação pulmonar, significando que o garoto foi enforcado e revivido em múltiplas ocasiões. Como o pai trabalhava para os bombeiros e era técnico em emergências médicas, os agentes desconfiam que ele seja o real suspeito, que finge ser um colega e convida as crianças a entrarem no jogo e as encoraja a usar métodos mais arriscados. Vêem que ele não está só colecionando os vídeos dos adolescentes se asfixiando, mas que os vídeos são um tipo de troféu para ele.

Os agentes vão à casa do suspeito e acham dezenas de discos e, já que ele não poderá voltar para pegar seus troféus naquela noite, ele tentará baixar os vídeos pelo site, mas a analista técnica diz ter trocado a página do site por uma página falsa e quando ele se conectar ao site será redirecionado para o servidor dos agentes para que possam capturar as informações. Os agentes acham que o garoto estava se submetendo aquilo para proteger o pai, condicionado pelo abuso extremo. Eles tentam focar no comportamento e acham que o padrão é que quando as coisas transbordam, o pai supera, mas se muda para uma nova cidade, adquirindo um novo método sadista. O filho conhece o padrão do pai e deixou subentendido no interrogatório que aquilo nunca iria acabar, a não ser que ele decidisse terminar. Os agentes ligam para analista técnica e descobrem que o menino ao sair havia lhe dado seu brinco no interrogatório como sinal de desistência e que naquela noite ele teria se decidido e iria se suicidar, sendo esta a única vitória contra o pai sadista.

O episódio mostra a cena do pai dirigindo com o filho, dizendo que iam visitar a mãe morta. Os agentes percebem que tudo está relacionado à mãe e vão para o cemitério onde ela foi enterrada, sendo ali um lugar de refúgio para o filho, mas para o pai seria um local de desova. Descobrem que na capela há energia elétrica e que ali provavelmente o pai tentaria baixar os vídeos. Ao chegar à capela, os agentes encontram o pai estrangulando o filho. Eles prendem o pai, o adolescente é revivido no local e levado para a emergência.

O episódio termina com os agentes no avião, voltando para a sede da unidade e uma agente contando a seu chefe que, quando ela tinha onze anos, sua irmã lhe deu seu cordão favorito dizendo que a amava não importando o que acontecesse. Ela ficou feliz, mas foi a última vez que viu sua irmã, já que ela cometeu suicídio logo depois. Ela diz que com o tempo melhora,

que perder alguém nunca é fácil, mas que um dia a lembrança não trará mais dor. É citada a frase de C. S. Lewis “A experiência é um professor brutal. Mas você aprende... meu Deus, você aprende.”, fazendo referência à experiência vivida pelo menino e pela agente.

Nesse episódio, a agente consegue convencer seu chefe a abrir uma investigação de morte duvidosa porque suspeita haver algo errado com os supostos casos de suicídio, já que o número de suicídios bem sucedidos foi alto, as crianças apresentavam baixo risco para suicídio e elas pareciam estar satisfeitas com suas vidas.

No decorrer do episódio, acham o garoto como suspeito principal através do primeiro perfil elaborado, mas ao ver a divergência na escrita do administrador do site, percebem que havia duas pessoas com o mesmo apelido manipulando as outras crianças. O pai do garoto, além de estar manipulando para que outras crianças jogassem no site e de querer que elas filmassem para que ele tivesse as mortes arquivadas como um tipo de troféu, trabalha nas noites em que os jogos acontecem e, por ser técnico em emergências médicas, é ele quem os pais das crianças chamam para salvar seus filhos.

Primeiramente, o perfil do suspeito foi traçado como se tratando de um sádico, alguém que a tortura e o sofrimento alheio o satisfazem sexualmente, alguém que sentiria prazer em ver as crianças se enforcarem. Quando percebem que o motivo de tudo era a mãe do garoto e investigam sua morte, os agentes descobrem que o pai desenvolveu a Síndrome de Munchausen por procuração assim que ela morreu. Essa síndrome é uma forma de abuso infantil na qual o responsável ou pessoa próxima à criança provoca e forja uma doença física ou psicológica de forma persistente. Nesse caso, os agentes afirmam que era por envenenamento sub-reptício, entendendo-se que a criança possa ter sido asfixiada por intoxicação com alguma substância (medicamentos, planta) ou asfixiada até quase a morte. A síndrome de Munchausen tem suas causas confusas e desconhecidas, embora alguns apontem a necessidade de atenção de quem causa a doença na criança e sua insensibilidade. Nesse episódio, é dado o diagnóstico de que, além de sofrer da Síndrome de Munchausen, o pai era um sádico, com extrema insensibilidade aos sentimentos do filho e aos sentimentos alheios.

Nos dois episódios escolhidos, a equipe traça e apresenta o perfil do criminoso, entende seu padrão e vitimologia e tenta entender qual a justificativa para o criminoso estar agindo daquele jeito. Os agentes não se preocupam com questões de inimputabilidade política ou se os suspeitos devem ou não receber um tratamento diferente dos outros prisioneiros, mas trabalham para garantir que esses criminosos serão capturados.

Todos os dados e casos apresentados nos episódios escolhidos podem ser achados e comprovados em sites de internet, como o jogo de asfixia e alguns casos sádicos. Isso aproxima o que é apresentado no episódio da realidade de quem assiste, além da proposta da série ser de retratar o cotidiano da real BAU, departamento do FBI, com casos fictícios.

Alguns recursos apresentados caracterizam o que alguns autores chamam de sensacionalismo. Um tipo de programa que intensifica, exagera, valoriza a emoção em detrimento da informação, que tem uma produção discursiva na perspectiva trágica e violenta. Além desses recursos serem facilmente identificados na série *Criminal Minds*, se soma a apresentação de um diagnóstico como justificativa para o crime cometido. Junto da dor e incerteza que os agentes demonstram a cada fim de episódio, como se não houvesse justiça que valesse aquele sofrimento causado, está o envolvimento emocional do telespectador que absorve aquelas informações e se torna um crítico e alguém que acha saber diagnosticar qualquer criminoso real, ignorando que, por mais brutal que tenha sido o crime, a maior parte dos criminosos não sofre de nenhum transtorno psiquiátrico, podendo ser aquele crime resultado de uma raiva acumulada ou qualquer outro motivo.

Por isso, deve haver um acompanhamento dos efeitos provocados nos telespectadores, considerando o ambiente em que a série é exibida, o horário, o público alvo, também deve haver um cuidado em expor diagnósticos psiquiátricos a leigos, a fim de evitar confusão entre os casos fictícios apresentados e os casos reais.

CONCLUSÃO

Entendido que o conceito de transtorno de personalidade antissocial sofreu constantes mudanças na história da psiquiatria e que, até hoje, ainda é visto como um transtorno de difícil diagnóstico, não só na maneira como deve ser entendido, mas também de como deve ser aplicado, é possível perceber que grande parte do que é veiculado pela mídia é incerto e, muitas vezes, irreal.

Visto que o papel da mídia é fundamental na formação de opinião e de conceitos e que, com o aumento de possibilidades para a obtenção de informação, esta tem um papel cada vez maior nessa formação, é importante ressaltar o erro cometido por esta em apresentar diagnósticos psiquiátricos a leigos, difundi-los fazendo os telespectadores aceitarem esses diagnósticos como explicação para o crime cometido e divulgar imagens dos agressores e vítimas, sensacionalizando o crime.

Nos dois episódios escolhidos, a equipe traça e apresenta o perfil do criminoso, entende seu padrão e vitimologia. Os agentes não se preocupam com questões de inimizabilidade penal ou se os suspeitos devem ou não receber um tratamento diferente dos outros prisioneiros, mas trabalham para garantir que esses criminosos serão capturados. Todos os dados e casos apresentados nesses episódios podem ser achados e comprovados em sites de internet, como o jogo de asfixia e alguns casos sádicos. Isso aproxima o que é apresentado no episódio da realidade de quem assiste, além da proposta da série ser de retratar o cotidiano da real BAU, departamento do FBI, com casos fictícios.

Alguns recursos apresentados caracterizam o que alguns autores chamam de sensacionalismo. Um tipo de programa que intensifica, exagera, valoriza a emoção em detrimento da informação, que tem uma produção discursiva na perspectiva trágica e violenta. Além desses recursos serem facilmente identificados na série *Criminal Minds*, se soma a apresentação de um diagnóstico como justificativa para o crime cometido. Junto da dor e incerteza que os agentes demonstram a cada fim de episódio, como se não houvesse justiça que valesse aquele sofrimento causado, está o envolvimento emocional do telespectador que absorve aquelas informações e se torna um crítico e alguém que acha saber diagnosticar qualquer criminoso real, ignorando que, por mais brutal que tenha sido o crime, a maior parte dos criminosos não sofre de nenhum transtorno psiquiátrico. Pesquisas comprovam que portadores de doenças mentais não cometem

mais crimes do que a população em geral, devendo cada crime ser analisado de acordo com suas especificações e com o perfil do agressor. Sabe-se que grande parte dos crimes são motivados por raiva e tristeza reprimida por muito tempo, não podendo estes serem associados a transtornos mentais, já que todos estão suscetíveis à essas emoções.

Quanto aos crimes de natureza psicopatológica, a mídia pode ser entendida como reprodutora e ampliadora dos níveis de violência devido o sensacionalismo e a super-exposição desnecessária de personalidades doentias em suas notícias e seus programas. O principal problema é que a mídia privilegia o que é fora da rotina, a exceção, e não esclarece questões relativas à saúde mental, deixando que o público só tenha contato com notícias de mortes brutais, repletas de uma trama sensacional, associada a suposta doença mental portada pelo agressor em questão.

Por isso, deve haver um acompanhamento dos efeitos provocados nos telespectadores, considerando o ambiente em que a série é exibida, o horário, o público alvo, também deve haver um cuidado em expor diagnósticos psiquiátricos a leigos, a fim de evitar confusão entre os casos fictícios apresentados e os casos reais.

REFERÊNCIAS

- SCHNEIDER, Kurt. Personalidades Psicopáticas. Schneider, Kurt. In: Psicopatologia clínica. 3. ed. 1987. p. 20-45.
- MOREIRA, Lilian Fontes. **A narrativa seriada televisiva: o seriado Mandrake produzido para a TV a cabo HBO.** Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/artigolilianfinal.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2011.
- FURQUIM, Fernanda. **Qual o nível de interesse pelas séries de TV na internet?.** Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/temporadas/internet/qual-o-nivel-de-interesse-pelas-series-de-tv-na-internet/>>. Acesso em: 26 nov. 2011.
- FBI.** Investigations & Operations Support. Disponível em: <<http://www.fbi.gov/about-us/cirg/investigations-and-operations-support>>. Acesso em: 27 nov 2011.
- BRANCO, Alberto Manuel Vara. **As séries norte americanas: a sucessão de tempos e imagens que traduzem uma forma de mentalidade e um certo posicionamento no mundo.** Disponível em: <<http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/566/1/As%20s%C3%A9ries%20norte%E2%80%93americanas.pdf>>. Acesso em: 27 nov 2011.
- BEGER, William; MENDLOWICZ, Mauro Victor; SOUZA, Wanderson F.; FIGUEIRA, Ivan. **Rastreamento do transtorno de estresse pós-traumático.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010181082004000200006&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 10 nov. 2011.
- BALLONE GJ, Ortolani. **Crime Sexual Serial.** Disponível em: <www.psiqweb.med.br> Acesso em: 10 nov. 2011.
- BALLONE GJ. **Perícia Psiquiátrica Forense.** Disponível em: <www.psiqweb.med.br>. Acesso em: 10 nov. 2011.
- MORANA, Hilda C P; STONE, Michael H; ABDALLA-FILHO, Elias. **Transtornos de personalidade, psicopatia e serial killers.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbp/v28s2/04.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2011.
- BALLONE GJ. **Criminologia.** Disponível em: <<http://gballone.sites.uol.com.br/forense/criminologia.html>>. Acesso em: 11 nov. 2011.
- MARINHO, Herrick. **Imputabilidade penal aos menores e aos doentes mentais.** Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/imputabilidade-penal-aos-menores-e-aos-doentes-mentais/67714/>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

- OLIVEIRA, Reynaldo Gomes de. **A síndrome**. Disponível em: <<http://www.munchausen.com.br/asindrome.html>>. Acesso em: 16 nov. 2011.
- PAES Jr, Ademar J. de Oliveira. **Suicídio**. Disponível em: <<http://www.ccs.ufsc.br/psiquiatria/981-13.html>>. Acesso em: 16 nov. 2011.
- BALLONE, G. J; MENEGUETTE, J.P. **Teoria da Personalidade**. Disponível em: <<http://virtualpsy.locaweb.com.br/index.php>>. Acesso em: 22 nov. 2011.
- GOMES, Cema Cardona; ALMEIDA, Rosa Maria Martins de. **Psicopatia em homens e mulheres**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S180952672010000100003&script=sci_arttext&tlng=en> . Acesso em: 22 nov. 2011.
- HENRIQUES, Rogério Paes. De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: **a evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v12n2/v12n2a04.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2011.
- BORDIN, Isabel A. S; OFFORD, David R. **Transtorno de conduta e comportamento antissocial**. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000600004>. Acesso em: 24 nov. 2011.
- BARROS, L. F. **A Psicopatia da Imprensa**. Disponível em: <<http://www.hottopos.com.br/videtur11/imprensa.htm>>. Acesso em: 28 nov. 2011.
- MCGUFFIN, Peter; THAPAR, Anita. **The genetics of personality disorder**. Disponível em: < <http://bjp.rcpsych.org/content/160/1/12.short>>. Acesso em: 22 nov. 2011.
- CLECKLEY, H. M. **The mask of sanity**: an attempt to clarify some issues about the so-called psychopathic personality. Fifth Edition, 1988. 485 p.
- MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DOS TRANSTORNOS MENTAIS. Diagnostic and Statistical of Mental Disorders " DSM. Disponível em: <<http://www.dsmiv.net/>>. Acesso em: 21 nov. 2011.
- CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE DOENÇAS E DE PROBLEMAS RELACIONADOS A SAÚDE. CID-10. 10ª revisão. Disponível em: <http://www.previdenciasocial.gov.br/arquivos/office/3_081014-104022-377.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2011.
- GARRIDO, Rodrigo Grazinoli. **O aprendizado de criminalística**: interações entre as modalidades formal, informal e não-formal de educação. Disponível em: <http://www.fm.usp.br/gdc/docs/iof_90_aprendizado10-15.pdf>. Acesso: 19 nov. 2011.

SILVEIRA, Rita de Cassia Caldas da. **Adolescência e Ato Infracional**. Disponível em: <<http://www.unibrasil.com.br/arquivos/direito/20092/rita-de-cassia-caldas-da-silveira.pdf>> Acesso em: 21 nov. 2011.

BECKER, Beatriz. **Uma experiência de leitura de mídia: do mito da imagem ao diálogo televisual**. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/062010/textos/cl26062010Beatriz.pdf> Acesso em: 22 nov. 2011.